

SÍMBOLO E IMAGEM EM PAULO LEMINSKI

JESUS, Aleandra Santos de.

aleandraexandy@hotmail.com

SANTOS, Crislane Maria Oliveira dos.

mos_cris@yahoo.com.br

SANTOS, Josane Cristina Batista. (Orientadora)

Prof^ª. Msc. em Literatura Brasileira, graduada em Letras e História, Professora dos cursos de Letras e História da Unit.

RESUMO

Com o tema *Símbolo e Imagem em Paulo Leminski* se fará uma análise da tendência simbolista presente na sua produção poética. Para se chegar a tal fim, sentimos a necessidade de adentrar o universo do Simbolismo brasileiro do século XIX e aí destacar a figura de Cruz e Sousa, referência para Leminski. Por isso de início se fará uma abordagem sobre este movimento para, em u segundo momento, estabelecer um texto comparativo entre os dois poetas.

Palavras chaves: Simbolismo, poesia, Paulo Leminski e Cruz e Sousa.

Costumamos desprezar, no meio acadêmico tudo aquilo que não é considerado cânone. Como a grande parte dos projetos e artigos são construídos com base na gramática ou pesquisando autores renomados, nos vimos na obrigação de estudar e pesquisar uma tendência que aguça a curiosidade de alguns acadêmicos: o Simbolismo.

Assim sendo, encontramos em Cruz e Sousa e Paulo Leminski uma oportunidade de entenderas perspectivas simbolistas de cada um. Analisar e interpretar a relação que os autores de uma época passada tem com a contemporaneidade é o foco central do artigo.

Símbolo e imagem em Paulo Leminski procura mostrar, através de embasamento teórico, a ligação entre Cruz e Sousa e Paulo Leminski. Para isto será necessária uma abordagem que parte do contexto histórico do Simbolismo no século XIX, assim como conhecer, através de uma biografia, o poeta que serve de referência para toda uma história: Cruz e Sousa.

Após esta abordagem, partimos para outro aspecto que é analisar a influência do Simbolismo na poesia de Leminski, bem como a questão da imagem. Visto se tratar de um poeta contemporâneo e considerado marginal, o tema norteia vida e obra de um autor que fugiu de todas as tendências e regras já vistas, que não estereotipou suas mensagens, antes fez um misto de imaginário e real levando o leitor ao mais alto nível de percepção.

O Simbolismo do século XIX

O Simbolismo surgiu na França no final do século XIX, em contraposição aos rígidos padrões estéticos fixados pela Escola Naturalista e Parnasiana.

O movimento rejeitou o cotidiano popular e defendeu o ideal estético da relação da arte com a vida. As correntes materialistas e racionalistas da segunda metade do século XIX já não respondiam as exigências de uma nova realidade, uma vez que o processo

burguês industrial evoluía a passos largos, dando início à luta das grandes potências pelos mercados consumidores e fornecedores de matéria-prima.

As manifestações artísticas do início do século XX comprovam a reação ao materialismo exagerado e ao espírito positivista que reinava na civilização industrial.

O Simbolismo reflete um momento histórico bastante complexo que marcaria a transição para o século XX e a definição de um novo mundo, pautado no valor do indivíduo e em sua realidade e buscando principalmente a sugestão do subconsciente. Nas artes era comum a busca pela valorização do mundo interior e a espiritualidade.

O artista experimentava agora, assim como os românticos, um profundo mal-estar na cultura e na realidade, fugindo do mundo proposto pelo racionalismo burguês e descobrindo um novo universo de associações de idéias imagens e sentimento.

Tanto no Brasil como em Portugal, o Simbolismo avançou pelo início do século XX, paralelamente às tendências pré-modernistas. O misticismo, o sonho, a fé e a religião são valores retomados numa tentativa de encontrar novos caminhos.

A Europa passou a exercer e a sofrer enormes influências dos novos mundos aos quais se impôs. Contra esse “materialismo” regido pelas políticas expansionistas européias, a poesia Simbolista surgiu como uma arma “de sonho”.

O início do século XX será marcado pela presença de uma arte voltada para o imaginário livre e embora o símbolo sempre tenha existido em literatura, somente no século XIX é que seu emprego se tornou corrente, com a denominação de Simbolismo. Por isso, é possível encontrar desde os mais recuados tempos, o uso esporádico dos símbolos à maneira dos decadentistas e simbolistas.

Par definir ou exprimir a volúpia pela anarquia, o satanismo, as perversões, as morbidez, o pessimismo, o horror a realidade banal, foi necessário a criação de

neologismo e a adoção de vocábulos preciosos. Nesse aspecto, aproxima-se de naturalistas, cujas idéias reformistas encaram com simpatia.”Para justificar-se, decadentes e simbolistas asseveram que somente lhes resta arquitetar um mundo quimérico, a fim de, nele refugiando-se, escapar à civilização corrupta em que vivem”.(MOISES, 1997, p.06).

Renegando o Positivismo, o Naturalismo e o Parnasianismo, os simbolistas pregam a retomada do ideário romântico: reentronizam uma visão egocêntrica do mundo, o “eu” volta a preencher o lugar do “não-eu”, centro das doutrinas naturalistas e realistas.

Entretanto, os simbolistas, mesmo que o quisessem, não poderiam pretender a reconquista dos valores românticos vigentes na primeira metade do século XIX, pois seria tão anti-histórico quanto ingênuo. Os simbolistas aspiravam a regressar às matrizes ou aquilo que consideravam como as tais, mas carregavam um diferente modo de compreender o mundo.

Vários autores fizeram parte desse movimento: Cruz e Sousa como o pioneiro na poesia, Emiliano Pernetá, Alphonsus de Guimarães entre outros. Na prosa tivemos destaques como Lima Campos, Gonzaga Duque e Nestor Vítor.

Mas vamos dar uma atenção especial ao pioneiro do movimento Cruz e Sousa, que, com sua alma inspiradora, fez ecoar aos quatro ventos o símbolo e a imagem no nosso país.

A figura central: Cruz e Sousa

Introdutor e um dos poetas de maior expressão da escola literária denominada Simbolismo, Cruz e Sousa, filho do escravo Guilherme da Cruz, mestre pedreiro e Carolina

Eva da Conceição, escrava alforriada, nasceu como, João da Cruz, em 24 de novembro de 1861, escravo pelas leis do império.

Nas condições existentes que se encontrava, Cruz e Sousa, devido ao contexto em quem o poeta nascera, não vislumbrava um futuro não muito notório, e sim semelhante aos de seu povo e condição social: seria carregador, estivador carpinteiro dentre outros. Contudo, contrariando as expectativas escravocratas, fez-se poeta.

Com a ajuda do proprietário do seu pai, o Marechal de Campos Guilherme Xavier de Sousa e sua esposa Dona Clarinda, Cruz e Sousa teve uma educação e uma criação com todos os desvelos e sofisticções da época.

A assimilação do saber letrado e branco de Cruz seguiu o roteiro trivial. Primeiras letras com a comadre da esquina, seguidas pelo ingresso em um colégio dirigido por padres, o Ateneu Provincial de Desterro, a única escola secundária de Santa Catarina. Ali ensinavam mestres notáveis, entre os quais o professor de Matemática e Ciências Naturais, o alemão Fritz Muller, amigo e colaborador de Darwin (Teoria da Evolução) e Hechel o qual, segundo consta, prognosticou a glória futura do menino negro. Também seu professor de francês, João José de Rosas Ribeiro, pai de seu amigo Oscar Rosas.

Foi em 1881 que estreitou relações com Virgílio Várzea, seu maior amigo de mocidade. Redigiram juntos, no período de 1882 a 1889 a *Tribuna Popular*, onde Cruz e Sousa fez intensa e apaixonada campanha abolicionista. Segundo Várzea, Cruz e Sousa: “Tinha uma grande paixão pelas idéias humanistas, e serviu-as como um fanático, sem se poupar sacrifícios, na tribuna, em praça pública e principalmente no jornalismo”.(LEMINSKI, 1983: P.56)

Era então, Cruz a figura central da vida literária catarinense, percorrendo o Brasil, como secretário da Companhia de Teatro Julieta dos Santos. Com esse destaque foi

chamado para ser promotor público de Laguna, não exercendo, porém, devido à oposição dos políticos profissionais, que não toleravam a idéia de um promotor negro.

Em 1890, foi definitivamente para o Rio de Janeiro onde trabalhou em diversos noticiários como *Cidade do Rio*, *Folha Popular* e *Broquéis*, poesias. O aparecimento de *Broquéis* marcou uma mutação climática radical na poesia brasileira, dando início a corrente Simbolista.

O destino do poeta sofre grande alteração quando passa por Desterro a Companhia Teatral do português José Simões Nunes Borges. Pai de uma linda moça que encantava os jovens da época (1889), Simões aportou na minúscula capital de Santa Catarina, com sua companhia, a estrela, sua filha e um repertório de dramalhões românticos a que ninguém resistia.

Cruz, sempre atento, declamou antes da apresentação da Companhia de Simões uns versos exaltando as estrelas do dia. Foi o que bastou para ser apresentado aos artistas visitantes. Daí para entrar na equipe foi imediato. Logo fugiu com o circo.

A campanha vai para o Rio Grande do Sul à procura de aplausos que granjearam desde o Rio de Janeiro. No navio vai Cruz, sozinho, e dependendo apenas do seu talento para sobreviver e triunfar. O poeta vivenciou a viagem, chegando a descrever o mar, “entre tropicalismos primaveras de dois sangrentos”, antecipando pelo menos setenta anos à criação da palavra “tropicalismo”.

Nos palcos da vida, Cruz se sentirá sempre aquele ponto invisível, trabalhando na peça, sem direito a aplausos. Porém “viver nesta vida”, não é tudo. Depois desta decepção, de que mesmo artista não era reconhecido pelo fato de ser negro, o poeta muda-se definitivamente, para o Rio de Janeiro em 1890, no clímax dos primórdios da República: os militares tinham derrubado o Império, um ano depois da “Abolição”. Aí

ingressa no jornalismo pela mão de conterrâneos e correligionários, solidarizados em torno do Símbolo, que Cruz e Sousa acabava de conhecer mais intimamente através dos livros trazidos da França.

Na Cidade Maravilhosa, Cruz vai ter a felicidade de encontrar Gavita, o grande amor da sua vida. Com ela, tiveram quatro filhos homens, dois mortos em vida do poeta, os outros logo depois. Em 1896 a esposa enlouquece, sendo cuidada em casa pelo próprio Cruz e Souza. Porém, enfrenta sérias dificuldades no terreno da sobrevivência. Não era fácil ser Cruz e Sousa, ser negro e ainda simbolista no Brasil do século XIX, onde os grandes eram Bilac, Raimundo Correia, Sílvio Romero...

Como poeta, seu futuro imediato afigura-se em triunfo. Mas, as reações do meio àquele negro não anunciavam receptividade favorável. Seus poemas começam a ser objeto de críticas, de aberto racismo: em algumas, Cruz chega a ser chamado de “negrinho mal rimador”.

O poeta terminou a vida como Funcionário da Estrada de Terra Central do Brasil (primeiro praticante, depois arquivista). Seus últimos dias foram marcados pelo avanço da tuberculose, certamente provocados por precárias condições de vida. Tinha trinta e sete anos.

No entanto, a hostilidade que seu talento levanta, contribuindo para o crescimento do poeta, o que acompanhará o poeta por toda a eternidade: o círculo de amizades e admirações, que no final chega até a idolatria. Sua inspiração leva a alguns de seus amigos a escreverem em sua homenagem após a morte.

Levando em conta de que a década em que surge o Simbolismo é, como já foi dito, uma época de escravidão, Cruz e Sousa se destaca por suportar forças adormecidas e angustiantes, e seu sonho sustenta toda a trajetória de vida. Destaca-se por não ter medo

de enfrentar as portas que se fecharam ao longo dos anos, foi persistente, mostrando que seu objetivo era maior que quaisquer obstáculos. Maldito pela grandeza e pelo elixir ardente de versos capazes de arrebenatar paixões até a atualidade.

A proposta simbolista

A poesia Simbolista compõe-se de um ecletismo que coloca vulnerável o influxo europeu, mas que denota vigor e exuberância. Deste modo, temos o desespero existencial e o teocentrismo e/ou ocultismo representado por Cruz e Sousa e seguido por seus discípulos. O misticismo cristão, o medievalismo e o lirismo amoroso espiritualizante e platonizante na poesia do cotidiano burguês e simplista, vivida por Mário Pedeneiras e outros; o intimismo e o penumbrismo de que Eduardo Guimarães se tornou mais completo representante, mas que deixaram traços indeléveis na poesia sulina e permaneciam vivos na ala espiritualista do modernismo.

As linhas fundamentais da poesia simbolista certamente se explicam pela influência franco-belga, mas não é difícil surpreender na tradição luso-brasileira, ao menos na forma embrionária. Por outro lado, os poetas simbolistas não se libertam completamente da preocupação parnasiana da forma lapidada, a começar do culto ao soneto.

Longe, porém de se render ao formalismo em si, acabaram por atribuir-lhe características novas, a fim de adaptá-la aos propósitos acalentados. Isso é bem representado pelo poema:

Pandemonium

Em fundo de tristeza e agonia
O teu perfil passa-me noite e dia

Aflito, aflito, amargamente aflito,
num gesto estranho que parecia
um grito.
E ondula e ondula e palpitando,
vaga,
como profunda, como velha chaga...

... e mundo e pasmo e compungido e aborto,
vendo o teu lento e doloroso giro,
fico a cismar qual é o rio morto
onde vai divulgar esse suspiro.

Cruz e Sousa

O poema citado tem sua forma, seguindo ainda a estética parnasiana embora o seu conteúdo seja uma resposta àquela tendência. Por se tratar de uma poesia Simbolista, sua interpretação vai além do que nossos olhos podem ver. Usa-se o mistério em seus versos para dar ênfase a contrariedade parnasiana.

A influência de Cruz e Sousa na contemporaneidade

Cruz e Sousa não foi só significante em seu tempo, mas como sabemos, sua fama e influência correu ao longo dos séculos. Vários poetas contemporâneos inspiraram-se em Cruz e Sousa, absorvendo todo talento por ele deixado.

Entre os muitos poetas, destacamos Paulo Leminski. Este, por sua vez, consegue introduzir em suas obras todo o símbolo já visto nas obras de Cruz e Sousa, biografou o autor simbolista com maestria e fidelidade, sugando a forma como antes havia trabalhado.

Leminski enfrenta muitas adversidades, principalmente na época da ditadura, mas absorve o símbolo deixado por Cruz e Sousa muito bem. Essa retomada é usada para passar mensagens significativas aos leitores da época. Empregando sua brilhante e aguçada genialidade despista os adeptos da ditadura escrevendo mensagens em forma de poemas e músicas que aparentemente não diziam nada, mas significavam muito.

Uma geração inteira tentou combater a ditadura, mas ninguém vivencia tanto quanto Leminski. Seu desejo de liberdade e livre expressão eram tão imensos, que não media esforços para combater aquele movimento.

Muitos foram presos, exilados e até mortos, mas o “Cachorro Louco”, como era conhecido entre seus amigos, passa ileso, Aliás, não tão ileso assim, porque a experiência adquirida ninguém pode tirar.

Viver e aprender! Este era um dos lemas de Leminski. O que o torna um poeta singular em todos os segmentos que veio a se envolver e que tentaremos mostrar a partir de agora. Resta dizer que é indiscutível, a forma como ele usa o símbolo e a imagem dentro de tudo que faz.

Nascido a 24 de agosto de 1944, na cidade de Curitiba, filho de Áurea Pereira Mendes Leminski e do militar Paulo Leminski. Paulo Leminski Filho um polaco como se definia por ser mestiço de polaco com negro foi um grande estudioso da cultura e da língua japonesa e é considerado por muitos estudiosos e intelectuais como o mais completo de sua geração. Leminski, precocemente falecido, foi além de bom escritor, poeta, romancista e tradutor.

Contemporâneo dos Beathes, Torquato Neto, Gilberto Gil dentre outros, caiu na estrada da poesia desde meado dos anos 60 como conta Haroldo de Campos: “Leminski nos

apareceu. Rambaud com físico de judoca, escandindo versos homéricos, como se fosse um discípulo de Bashô, o sendo bananeira”.(CAMPOS, 1977, p.59)

Leminski foi considerado poeta de duplas faces, e também o melhor haikaista¹ do século XX, sendo colocado ao lado do que há de melhor na produção literária do continente. Nunca se esquivava quando aparecia algo para fazer. Para o poeta não importava qual área atuar, o que de fato fazia sentido era a divulgação de suas obras, de preferência em todo o mundo.

Autor de prosas, poemas, anúncios sempre usava de mensagens tocantes e incomuns para chamar a atenção. Era o tipo de pessoa que fazia “Coca Cola virar Vodka para ver seus companheiros embriagados”(SCHLEDER, 2002, p.22). Era o tipo que dispensava métricas, rimas e formalidades por um copo de uísque, daí ser considerado um poeta fora de todos os padrões já visto.

Embora tenha morrido muito cedo, deixou bastante informação a seu respeito e também às suas obras. Entre elas *Catatau*, considerada sua obra-prima, que repercutiu em vários países: México, Espanha, Portugal.

Em 1963, Paulo Leminski casou-se com a artista plástica Neiva Maria de Souza com qual viveu 5 anos. Sua estréia aconteceu em 1964 com a publicação de cinco de seus primeiros poemas na *Revista Invenção* em São Paulo, a qual era representante da poesia concreta paulista e publicava poemas de autores como Décio Pignatari e Haroldo de Campos. Já em 1965, além de dar aulas de judô, Leminski dava aula de redação e história em cursos pré-vestibulares e foi um grande colaborador dos jornais da época como suplemento “*Folhetim*” do “*Jornal Folha de São Paulo*”.

O que mais chama a atenção em Leminski é o modo informal com que produz

HAI-KAI. Forma poética de origem japonesa, que valoriza a concisão e a objetividade. (ww.haikai.blogger.com.br)

interessantíssima a respeito de qualquer tema, pois ele tinha uma fórmula, de transformar tudo que tocava, sem pudor e sem escrúpulos.

“Não discuto com o destino/ o que pintar eu assino”, diz um dos poemas dele, e aproveitava tudo que podia ao extremo. Tanto que seu primeiro casamento não deu certo e casou-se pela segunda vez com Alice Ruiz, com a qual viveu durante 20 anos e teve três filhos: Miguel Ângelo que faleceu quando ainda tinha dez anos, Áurea que recebeu esse nome em homenagem à sua avó e Estrela.

De volta a sua terra natal em 1970, Leminski começa a trabalhar como redator de publicidade. Compõe várias canções algumas delas cantadas por pessoas famosas como Caetano Veloso e Ney Matogrosso. Ainda na década de setenta Leminski, que já era um personagem constante nas produções da época, publicou seu primeiro romance *Catatau* denominado de “prosa experimental”; uma sátira ao intelectual brasileiro que quer resolver as coisas dentro dele.

Em 1983, suas obras passaram a ser publicadas pela Editora Brasiliense, o que o levou a se destacar ainda mais, além de publicar uma biografia de Bashô². No ano de 1986 escreveu para o público infanto-juvenil *Guerra dentro da gente* e, em 1989 *A lua foi ao cinema*.

Alguns dizem que Leminski pertenceu ao Concretismo. Outros que era um poeta marginal. Fica difícil dizer se ele pertenceu a alguma escola específica, pois em todas obras assinadas se viu um misto entre várias tendências. Um poeta que recorria ao que lhe convinha no momento.

Vimos também sua obra sendo difundida por publicidade e propagandas na TV, o que o faz um gênio, pois além de poemas e poesias ele construía para a vida e para mudar a idéia de literatura do século. Mais que um simples nome na História, Leminski foi uma

máquina de fazer linguagem. “Considerava as idéias como coisas vivas, matérias vivas de consciência, além dos gêneros, esquemas e academicismos”.(LOPES, 21)

A obra Leminskiana foi difundida em todo o Brasil sendo influenciada e influenciando tendências e autores ao longo de todo tempo.

É evidente que Leminski tinha dificuldade em lidar com as coisas do cotidiano, o que não lhe subtrai o título de gênio inventivo e transformador de nossa língua e da nossa linguagem.

Levando em consideração o contexto no qual Leminski estava inserido, podemos classificar o seu projeto como desabafo, pois é notável sua sintonia com a alteridade e o gosto pela mistura das artes, como diz Fabrício Marques:

Os poemas de Leminski são artefatos híbridos, elaborados em um campo de tensão que promove atrito e afetos entre códigos e linguagens: uma mixagem entre poesia de produção (ruptura com a tradição, vanguarda, inventiva) e poesia de consumo (continuidade, literatura); entre ordinário e extraordinário, entre cotidianos reles e raros; desierarquização e hibridização do discurso (o poético e factual), entre materiais pobres e nobres, altos e baixos repertórios; troca de sinais entre Ocidente e Oriente. Para Leminski, o poeta não é um escritor. É um artista. Poesia é ação entre códigos: todo poeta é intersemiótico.(MARQUES, 2001, p.25)

Outra particularidade de sua obra, geralmente esquecida pelos críticos era o humor o que muitas vezes a partir do título já se evidenciava ao “transformar ensaios críticos em ‘anseios crípticos’, subvertendo o lugar comum”, como menciona Evaldo Schleder.

Para Leminski, “o humor é a vitória do ego sobre o princípio da realidade”(Freud). O que o leva a uma abordagem diversificada. Em seus romances pontua

as extravagâncias mundanas e retrata a trajetória autodestrutiva bem como sua proposta existencial.

Após sofrer fortes crises hepáticas, o poeta, morando em São Paulo e já separado de Alice Ruiz, falece em 1989, vítima de cirrose.

Símbolo e imagem em Paulo Leminski

“Eles foram concretistas, eu nasci concretista...” Era assim que muitas vezes Paulo Leminski se auto caracterizava, embora vejamos em suas obras um misto muito grande de estilos literários. No entanto, por ser um autor que usava símbolos e imagens para se expressar, se beneficiou do estilo concretista de ser para criar não só na poesia, mas também em outros seguimentos, nos quais se destacava.

Entre as muitas poesias escritas, destacamos:

o pauloleminski
é um cachorro louco
que deve ser morto
a pau a pedra
a fogo a pique
se não é bem capaz
o filhodaputa
de fazer chover
em nosso piquenique

Vemos neste poema autobiográfico, um pouco de toda a imagem que já retratamos. Toda a expressão que marca a singularidade do poeta e que o faz fugir dos padrões poéticos visto.

Através dessa relação, percebe-se que a prática de dissolução de limites entre diferentes espaços e níveis da vida cultural se associa também a uma prática de leitura e

produção poética marcada por um interesse também plural, que supõe o convívio com diferentes tempos, traduzindo obras e biografando vidas.

Tanto em uma quanto em outra dessas práticas, o trabalho de produção e decifração de *sinais de vida, de vida mas sinais*, implica a desestabilização das próprias noções de *vida e linguagem, poesia e cultura*, pois, para Leminski, "é próprio da natureza do sentido" que "ele não existe nas coisas, tem que ser buscado, numa busca que é sua própria fundação"

. Essa desestabilização e essa busca implicam, ainda, repensar o próprio significado da inclusão em sua época, o próprio significado de sua "contemporaneidade" - "malassombrada" pela presença sobrevivente de "cadências/ritmos/formas psicografados de outras eras" e também, de certo modo, pela morte precoce que faz dele e de vários companheiros póstumos em relação ao seu próprio tempo.

Esta batalha que Leminski trava é justamente uma de suas propostas, pois todas as suas poesias eram ao mesmo tempo rigorosas em sua construção, que chamava a atenção do leitor e introspectiva, que surpreende com a mensagem que o autor quer passar.

Nos poemas de Leminski não há uma forma encontrada nem obtida, e sim atingida, isto é, uma forma perseguida. Esta é, portanto, uma atitude ativa, trazida talvez na imagem do poeta perseguindo a poesia no espaço intervalar, na passagem entre os elementos materiais (estratos superpostos, como o som, o elemento óptico) e o sentido.(MARQUES, 2001).

Através dessa citação concluímos que Leminski passa a longe de ser o tipo de poeta que espera a poesia. Sua paixão pela literatura o faz agir e pegar o leitor de surpresa, como num golpe de judô. Sua paixão era tanta, que mesmo estando prestes a morrer escreve um poema em forma de bilhete representando seus dias de incerteza:

Último aviso
 Caso alguma coisa me acontecer
 informem a família
 foi assim que tinha que ser

tinha que ser dor e dor
 esse processo de crescer

tinha que vir dobrado
 esse medo de não ser

tinha que ser mistério
 esse meu modo de desaparecer

um poema, por exemplo,
 caso alguma coisa me suceder,
 vá que seja um indicio

quem sabe ainda não acabei de
 escrever

Assim é possível situar a obra do poeta curitibano como singular, fugindo de quaisquer aspectos formais, o que não significa descuido, antes um jogo de imprevisibilidades. Em todos os segmentos que se apresente (hai-kai, ideogramas, invenções concretas) seus poemas revelam um movimento entre acaso e rigor que prendem o leitor e acima de tudo enfocam a poesia.

Ao longo desta pesquisa, podemos abordar questões que com o passar do tempo ficam esquecidas. Aproveitamos ao máximo a vertente simbolista para mostrar sua tendência atemporal, bem como a resposta às produções artísticas que são dadas por todos como consagrada.

O trabalho propõe uma leitura a respeito de dois autores que, deixaram na Literatura Brasileira sua marca registrada e que ambos deveriam ser mais trabalhados.

Desde quando o Simbolismo surge com Cruz e Sousa até Paulo Leminski, é evidente que a imagem e o símbolo não são mais os mesmos. Há uma diferenciação entre tais autores, mas não em suas características.

Portanto, o que não resta dúvida é que em todos os segmentos trabalhados por Cruz e Sousa e por Paulo Leminski, houve um grande misto de cultura, arte, símbolo e

imagem, o que no campo literário compõe uma gama de elementos que caracterizam ambos autores como singular. E que sirva de lição para outros estudantes na área das letras, mostrando o mesmo interesse pelas questões aqui abordadas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Livros pesquisados:

GÓES, Fred; MARINS, Álvaro. **Paulo Leminski**. São Paulo: Gaia, 2006.

GONZAGA, Sergius. **Curso de literatura brasileira**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

MARQUES, Fabrício. **Aço em flor: a poesia de Paulo Leminski**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MOISÉS, Massaud. **A literatura através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 1998.

PHICCIO, Luciana Stetagno. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

VAZ, Toninho. **Paulo Leminski: o bandido que sabia latim**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Monografia pesquisada

GERALDES JUNIOR, Gutemberg Alves. **Paulo Leminski: uma interseção entre a literatura e a comunicação**. Aracaju: Unit, 2002.

Revista pesquisada

SCHLEDER, Evaldo. Cult 54: **revista brasileira de literatura**. São Paulo: Lemos editorial, 2002.

Sites pesquisados

www.wikipedia.com.br

www.scielo.br/scielo.php

www.planeta.terra.com.br/arte/popbox

www.contraculturabrasilblogspot.com/2007